

Experiências profissionais e educacionais entre jovens Calon da comunidade cigana de Sousa-PB

Professional and educational experiences among Young Calon people from the gypsy community of Sousa-PB

Experiencias profesionales y educativas entre jóvenes Calon de La comunidad gitana de Sousa-PB

Mércia Rejane Rangel Batista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4995-1117>

João Dias Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4598-0214>

Resumo: Com o fim do nomadismo, muitas mudanças vêm ocorrendo na vida dos ciganos Calon que residem na cidade de Sousa-PB. Um dos principais fatores dessa mudança diz respeito à sociabilidade entre ciganos e não ciganos que, se antes acontecia quase que exclusivamente para fins de atividade econômica, hoje acontece de várias formas, incluindo amizades, casamentos, e experiências escolares. Os ciganos mais jovens vêm cada vez mais priorizando os estudos para melhor se capacitarem para o mercado de trabalho, mesmo assim o preconceito e a discriminação têm prevalecido na busca por emprego no setor privado local. Deste modo, este artigo aborda algumas mudanças culturais, e seus efeitos sobre os mais jovens, na busca por escolarização na cidade. Realizou-se entrevistas com jovens ciganos residentes em Sousa, cujas falas foram analisadas, bem como se refletiu sobre o cotidiano destes jovens na interface entre educação escolar e oportunidades de trabalho no setor privado da cidade.

Palavras-chave: ciganos; Calon; educação, trabalho.

Abstract: With the end of nomadism, many changes have been occurring in the lives of the Calon gypsies who live in the city of Sousa-PB. One of the main factors of this change concerns the sociability between gypsies and non-gypsies, which, if previously occurred almost exclusively for economic activity purposes, today occurs in many ways, including friendships, marriages, and school experiences. Younger gypsies have increasingly prioritized studies to better prepare themselves for the job market, even so, prejudice and discrimination have prevailed in the search for employment in the local private sector. Thus, this article addresses some cultural changes and their effects on younger people, in the search for education in the city. Interviews were conducted with young gypsies living in Sousa, whose statements were analyzed, as well as reflections on the daily lives of these young people in the interface between school education and job opportunities in the city's private sector.

Keywords: gypsies; Calon; education; work.



Resumen: Con el fin del nomadismo, se produjeron muchos cambios en la vida de los gitanos Calon que viven en la ciudad de Sousa-PB. Uno de los principales factores de este cambio tiene que ver con la sociabilidad entre gitanos y no gitanos que, si antes se daba casi exclusivamente con fines de actividad económica, hoy se da de diversas maneras, incluidas las amistades, los matrimonios y las experiencias escolares. Los gitanos más jóvenes priorizan cada vez más los estudios para capacitarse mejor para el mercado laboral, aun así han prevalecido los prejuicios y la discriminación en la búsqueda de empleo en el sector privado local. Por ello, este artículo aborda algunos cambios culturales, y sus efectos en los más jóvenes, en su búsqueda de escolarización en la ciudad. Se realizaron entrevistas con jóvenes gitanos residentes en Sousa, cuyos testimonios fueron analizados, además de reflexionar sobre la vida cotidiana de estos jóvenes en la interfaz entre la educación escolar y las oportunidades laborales en el sector privado de la ciudad.

Palabras clave: gitanos; Calon; educación; trabajo.

1 Introdução

Os ciganos encontram-se no Brasil desde o período colonial, como apontam vários estudiosos deste tema (Moonen, 2013; Goldfarb, 2013, entre outros). Na região nordeste do país estão em diversos estados, como Paraíba, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão e Bahia. De acordo com Toyank (2019, p. 15):

Os ciganos formam uma comunidade étnica heterogênea de origem indiana que migrou para o mundo ocidental há cerca de mil anos. Divididos em diversos grupos e subgrupos, com suas próprias características culturais e percepções identitárias, os ciganos são influenciados pelos contextos históricos e culturais resultantes das formações políticas, sociais e econômicas dos países onde vivem e das atitudes das sociedades com relação a eles. Os múltiplos impactos das sociedades mais amplas contribuem para moldar a estrutura multidimensional das identidades ciganas, de forma distinta e irregular.

Um membro de um grupo cigano Calon, certamente, escuta muitas histórias contadas pelos seus mais velhos, e o teor das narrativas constitui-se da perseguição constante e dos processos de exclusão social. Situação social vivida pelos ciganos nesta região, o que muitas vezes acarretou inúmeras injustiças e verdadeiros crimes contra esse povo. Como destaca Magano (2012, p. 259), ao se perguntar

quem são os ciganos”, questão antiga e que se faz acompanhar frequentemente por uma relação envolvendo as fronteiras sociais envolvendo ciganos e não ciganos. “Os ciganos são, geralmente, contestados pelas sociedades em que vivem, sendo-lhes imputadas representações negativas (...) acusados de manter uma identidade

social e pessoal diferente do 'normal', com associação a traços entendidos como desviantes (de que 'não trabalham', 'são sujos', 'são violentos e agressivos', etc.)

No cenário internacional é sabido que, tal como os judeus, os ciganos foram sentenciados à morte nas câmaras de gás durante o holocausto nazista, acarretando a morte de milhares e milhares de pessoas. Hancock (2019) cita como os dois eventos mais significativos, que moldaram a história dos ciganos na Europa, o Rrobija (a escravização) e os Porrajmos (o genocídio dos ciganos pelos nazistas), ambos conectados às complexas situações sociais que os ciganos enfrentaram e enfrentam até os dias atuais, no que se refere a preconceitos historicamente institucionalizados no mundo inteiro.

A retração causada pelas constantes perseguições provavelmente foi a causa do nomadismo dos grupos ciganos ao longo dos séculos. Entre os vários grupos ciganos na Europa se sustenta e são compartilhadas histórias de perseguições ferrenhas, o que demonstra que o nomadismo foi uma escolha tomada pela falta de opções e pelas necessidades de sobrevivência desse povo. Viajando entre cidades e vilarejos, os ciganos seguiam em verdadeiras jornadas de vida.

Por outro lado, foi o permanente deslocamento, ao longo do tempo, que permitiu aos ciganos manterem suas culturas e, nesse sentido, desenvolverem ou conservarem uma linguagem própria, como parte de suas tradições. Com a sedentarização dos ciganos na cidade de Sousa, nos anos 1980, surgem muitas transformações na vida dos Calon, com a necessidade de trocas constantes junto à população não cigana, o que já apontara Goldfarb (2013). Conseqüentemente, surgem exigências de profissionalização para a entrada no mercado formal de trabalho, sendo a escola uma instituição propositora de tal formação.

Neste trabalho, analisamos o problema da aquisição de emprego de jovens ciganos da comunidade cigana de Sousa no mercado de trabalho privado local, abordando como o choque provocado pelas diferenças culturais – entre ciganos e a sociedade envolvente – repercute em variadas formas de preconceitos étnicos, especialmente no mercado de trabalho e nos setores de empregos. Em posse desta realidade, conhecida e experimentada, os jovens Calon buscam minimizar os efeitos destes preconceitos na educação formal, por meio das escolas e dos processos de formação escolar na cidade.

O artigo está construído a partir de diferentes inserções experimentadas pelos autores. Contamos com a experiência direta de um jovem cigano e de uma pesquisadora, habilitada na prática da antropologia. O que implica um texto que lida diretamente com a história oral, com a experiência vivida e com a reflexão propiciada por pesquisa qualitativa, realizada em 2019, na comunidade de Sousa, na Paraíba. A pesquisa qualitativa é essencial para compreender a complexidade e a subjetividade

dos fenômenos sociais. Ao utilizar a experiência direta, é possível fornecer insights valiosos e um aprofundamento da compreensão dos pesquisadores sobre o objeto de estudo – a escolarização como ferramenta de qualificação para o mercado de trabalho – e os desafios diante da projeção da sociedade envolvente quanto aos ciganos, que são enquadrados a partir dos estigmas. E, por outro lado, colabora no modo de lidar com os processos de mudança na construção e manutenção da identidade cigana. Propusemo-nos a investigar o mundo do trabalho entre os ciganos que vivem em Sousa, valorizando a experiência direta e o apoio da bibliografia, que nos permite recuperar a história e as experiências construídas por eles. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com 10 jovens Calon do sexo masculino. As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas, além de contar com um telefone celular para gravação de áudio. O público alvo foi definido por dois critérios: serem do sexo masculino e ainda jovens. As entrevistas foram feitas, prioritariamente, com ciganos entre 17 e 25 anos de idade. As questões abordaram dois temas centrais: a escolaridade e a relação com o mercado de trabalho.

2 Discutindo os preconceitos étnicos

Preconceitos estão geralmente ligados a formas de discriminação social, e, desde o início da construção do Brasil, ainda no período colonial geramos um quadro onde indígenas, negros e ciganos, por exemplo, foram tidos como inferiores, carregando marcas sócio-históricas que persistem na questão étnico-racial em nosso país. Portanto, tendo em vista que o racismo está pautado na crença das diferenças raciais, em que alguns grupos são tidos como inferiores, podemos relacionar esse conceito ao que acontece com os ciganos. De acordo com Marques (1995), o racismo está ligado à hierarquização das pessoas e dos grupos sociais, que legitima desigualdades sociais. Assim, raça “é uma chave que fornece inteligibilidade à diversidade, legitimidade à dominação e fundamento à destruição” (Marques, 1995, p. 45).

Em se tratando de ciganos, esse fenômeno se reflete repetidamente na mídia, literatura, músicas, etc. A palavra “cigano” tende a ser usada para adjetivar um indivíduo ou grupo de pessoas suspeitas, com propensões ao delito. No caso de Sousa, é visível a desigualdade de oportunidades sociais entre ciganos / não ciganos, que se manifesta em todas as esferas da sociedade, como na saúde, educação, sistema prisional, moradias, saneamento básico e empregos. Ao observamos a figura 1, somos confrontados com as condições precárias de habitação, inclusive com a ausência da coleta de lixo, o que reforça a situação de falta de oportunidades para uma vida digna.

Figura 1 – Ausência de coleta de lixo na comunidade cigana



Fonte: Goldfarb, 2023.

A grande maioria dos ciganos já sofreu algum tipo de discriminação racial na cidade, uma vez que são pensados como uma raça inferior e cotidianamente vilipendiados. A pesquisa realizada demonstrou muitas dificuldades vividas pelos jovens Calon, especialmente em decorrência do fato de serem pouco absorvidos pelo mercado de trabalho em Sousa, o que se deve à sua não aceitação, justamente por serem ciganos, somada, é claro, às imagens sociais que isso gera na percepção dos empregadores não ciganos.

Muitos são os casos relatados no dia a dia da comunidade de Sousa. Dentre tantos, trazemos os casos de B. e P.A¹, que estão entre os mais emblemáticos exemplos que poderíamos citar, que representam o teor das várias histórias de preconceitos de tantos jovens ciganos em busca de trabalho no setor privado. O primeiro, tendo passado por um processo seletivo, juntamente com outros candidatos ao primeiro emprego num mercadinho local, foi aprovado em primeiro lugar nesse processo, porém, já em atividade laboral, foi identificado como cigano por um cliente, tendo sido demitido no dia seguinte à identificação, sob a alegação de equívoco da empresa quanto à disponibilidade de vaga para contratação. Na mesma semana, retornou ao mercadinho e viu que outro ocupava sua função². O caso de

¹ Utilizamos aqui apenas as iniciais dos nomes dos colaboradores da pesquisa.

² O Caso de B. foi relatado em entrevista para o programa “O Povo Cigano no Brasil”, da Rádio Senado, publicado em 24/03/2011, Programa 8: “A terra prometida: os ciganos de Sousa”. Documentário vencedor

P.A é também emblemático: dispondo de um currículo considerável, incluindo a formação superior, ele recebera negativa de todas as empresas que dispunham de vagas para sua função, de modo que apenas a última, também a maior da região, decidiu absorvê-lo, mesmo sabendo de sua pertença étnica.

No primeiro caso fica claro ter havido preconceito étnico, já no segundo, fica a dúvida, por falta de uma comprovação tão objetiva quanto podemos perceber no primeiro caso; mas, para os ciganos, já acostumados com manifestações históricas (e ainda atuais) de preconceitos, as experiências de busca por trabalho tendem a gerar certo desânimo prévio, por sentir que, por trás das alegações negativas que recebem, há sempre preconceitos camuflados ou não verbalizados, bem à moda da sociedade brasileira. Além dos casos de B. e de P.A., no cotidiano social intragrupo dos ciganos, costuma-se compartilhar tais situações pelas quais passam tantos ciganos, sejam estas em Sousa, ou em cidades próximas com as quais interagem.

Como fala Marques (1995), o racismo e o preconceito étnico são desigualitários, pois promovem a desigualdade de oportunidades reais na vida de muito ciganos, por serem ciganos e por serem pobres. Marushiakova e Popov (2019, p. 43) apontam que os ciganos devem ser vistos principalmente como parte da estrutura, e que, em primeiro plano, devemos ver os problemas de sua marginalização, que geralmente estão atrelados aos aspectos sociais e econômico que os cercam. Por isso, destacam a importância de se observar o contexto cultural e suas dimensões sociais, que tendem a construir exotizações muito eficazes sobre os mesmos.

Goldfarb (2013) aponta que os ciganos são grupos étnicos, uma vez que constroem formas de diferenciação com relação aos jurons³. Sob a terminologia “ciganos” estão classificados grupos étnicos que guardam semelhanças entre si, tais como uma origem comum, a organização social focada na conservação familiar; fortes propensões artísticas (com destaque para a música e a dança), atividades laborais voltadas aos negócios / comércio e à leitura da sorte (quiromancia), preferência pela autoconservação étnica através da endogamia; um passado (para alguns poucos grupos, ainda o presente) nômade, entre outras características selecionadas como elementos étnicos ou formadores de uma etnicidade.

Historicamente, os preconceitos étnicos atribuídos aos ciganos em várias partes do mundo são os de trapaceiros, andarilhos e perigosos, o que se traduz em serem pessoas avessas ao trabalho, à moradia fixa e ao bom convívio social. Tais preconceitos são amplamente conhecidos pelos ciganos de Sousa, vítimas cotidianas deste tipo de construção mental e comportamental.

do prêmio Roquette-Pinto, composto por 12 programas com duração de 30 minutos cada. O referido relato está localizado entre 15:00 min e 17min22.

³ Termo usado pelos ciganos de Sousa para se referirem aos não ciganos.

Com essas identidades atribuídas, impostas e relegadas, era justificável, pensava-se, implementar políticas (oficiais ou não) de punições com banimento e expulsão de territórios por onde passavam e nos quais procuravam se instalar. Visto como vagabundos e ladrões, os ciganos não podiam permanecer por muito tempo num mesmo lugar e eram constantemente obrigados a viajar e estabelecer novas relações em cada lugar por onde passavam, fato que contribuiu para o desenvolvimento do nomadismo e com isso uma identidade dinâmica e performativa, negociando as representações com a diversidade do universo não cigano (Shimura; Araújo, 2019, p. 105-106).

Refutando os preconceitos e a imagem de eterno andarilho, no caso do município de Sousa (Paraíba), deixaram a vida nômade há pouco mais de 40 anos, e dividem-se em ranchos⁴ no Bairro Jardim Sorrilândia III: (1) o Rancho de Baixo, composto pelo grupo chefiado pelo Chefe Eládio (anteriormente foi chefiado pelo falecido Chefe Vicente), e que atualmente se subdividiram em outros setores de moradias; e (2) o Rancho de Cima, onde estão os membros do grupo do também falecido Chefe Pedro Maia, que foi substituído pelo seu filho, além dos netos, no exercício de liderança. Entre esses dois ranchos está a Várzea das Almas, espaço de moradia mista entre ciganos e não ciganos. Esses espaços juntos formam a grande Comunidade Cigana de Sousa, na qual vivem mais de 200 famílias atualmente, e que é vista pelos não ciganos como o rancho cigano.

Estas situações demonstram que, apesar das mudanças sociais ocorridas no país, permanecem ativas formas de preconceito discriminativos, que geram violência e múltiplas formas de desigualdades sociais.

De fato, o que leva à discriminação e à exclusão não é a situação de carência material em si, mas o preconceito com relação às pessoas carentes. Isso gera formas diferenciadas de abordagem e tratamento, traduzindo o 'risco' de poluição que potencialmente essas pessoas representam. Não há dúvida de que, nesse caso, é o preconceito o gerador da discriminação e da desigualdade que exclui, o aspecto 'distintivo e formativo' do ordenamento moral da sociedade brasileira, na busca que nega uma 'ética de igualdade' ou de reciprocidade (Bandeira; Batista, 2002, p. 125).

Falamos aqui de preconceito étnico por se tratar de um grupo étnico historicamente discriminado no Brasil e em boa parte do mundo, excluídos nas esferas públicas e privadas de nossa sociedade; cujas tradições, saberes e modos de vida foram sempre apontados como bizarras, primitivas, escandalosas ou simplesmente inferiores.

É nas demandas nos espaços de trabalho, sobretudo, que vemos o exercício desses preconceitos, pois, mesmo que a juventude cigana tenha boa aparência, currículo ou disposição para o trabalho, quando catalogados como "ciganos", não são aceitos nas vagas de emprego nos setores privados da cidade. Com relação aos setores públicos, também só

⁴ Como são chamados os setores ou grupos de ciganos que formam a comunidade.

são aceitos quando aprovados em concursos públicos, e mesmo assim podemos verificar casos em que são aprovados em determinados cargos, mas têm que exercer outros inferiores, pelo fato de serem ciganos. Como diz Hasenbalg (1979, p. 167), as desigualdades de oportunidades se manifestam em “desigualdades sociais ao longo de linhas raciais”, por meio das quais a população não branca é discriminada, e o produto dessa discriminação é a exclusão, principalmente na educação formal e no mercado de trabalho.

Entendemos a força do problema aqui abordado, especialmente no que se refere ao futuro social dos jovens ciganos e, por consequência, da sustentabilidade econômica da própria comunidade, é possível afirmar que a falta de oportunidades de trabalho incide na formação de novos núcleos domésticos na comunidade. Nesse sentido, o governo federal construiu, em 2008, o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), que seria um grande aliado da comunidade cigana residente em Sousa, pois se tratava de um centro cultural que enunciava a finalidade de promoção da cultura cigana, além da produzir meios de geração de emprego e renda. Mas, fora um ou dois cursos que lá aconteceram, e de servir de palco para representantes políticos e institucionais discursarem e prometerem ações, nada de importante aconteceu lá desde sua fundação. Agregamos aqui registros fotográficos realizados em 2023, do ambiente exterior e interior do CCDI, buscando indicar o estado precário da construção e também a ausência de marcas que indiquem atividades realizadas.

Figuras 2 e 3 – Condições atuais do CCDI.



Fonte: Goldfarb, 2023.

Na verdade, o CCDI, que foi construído para ser referência da cultura cigana da América Latina, nunca passou de um elefante branco⁵ e, ao longo do tempo, não foi capaz de instaurar ações que possam ser avaliadas como promotoras da cultura cigana, nem se desdobrou em nenhum efeito de melhoria da vida da comunidade cigana. Ao contrário, como podemos observar nas fotografias 2 e 3, constituiu-se em um espaço desocupado e em estado físico degradado, e que gerou desavenças entre os próprios membros da comunidade, pois o controle do prédio ficou a cargo de uma das lideranças que se associa a uma família e rancho. Enfim, o preconceito étnico é muitas vezes sutil, difundido em toda sociedade, interferindo nas relações de trabalho, embora na cidade ninguém assuma ser “preconceituoso”, tendo nas práticas de controle, de dominação e de separação entre ciganos e jurons na cidade.

3 Transformações com a sedentarização na cidade.

Narram, os mais velhos da comunidade cigana, aspectos da época de andanças dos grupos pelas cidades de vários estados do nordeste. Com a moradia fixa, foi inevitável que mudanças ocorressem, principalmente em decorrência de um maior convívio entre ciganos e não ciganos. Em Sousa, há ciganos frequentando escolas, trabalhando como funcionários públicos e privados, disputando torneios desportivos locais com grande destaque, atuando em projetos artísticos culturais, tocando ou cantando em festas de personalidades sociais não ciganas, por contrato ou amizade, envolvendo-se em campanhas políticas, estabelecendo matrimônios ou apenas enturmado-se com não ciganos.

De fato, os contatos e trocas entre ciganos e jurons vêm gerando o aumento nas formas de sociabilidade em grande amplitude, caminho esse indubitavelmente eficaz na desconstrução dos estereótipos negativos e na valorização dos aspectos essenciais desse povo. Apesar desses avanços não representarem ainda o tom dominante dessa relação, podem ser compreendidos como um progresso de convívio interétnico resultante de 40 anos de interação social entre as diferentes culturas, todavia ainda distante das perspectivas de convívio igualitário entre as partes (Siqueira, 2013. p. 61-62).

Vejamos que, na análise acima citada, a ampliação das formas de sociabilidade com os não ciganos está no centro de muitas das mudanças que as tradições ciganas vêm sofrendo. Se antes da atual fase de moradia fixa o cigano só se relacionava com o não cigano

⁵ A expressão “elefante branco” é uma expressão idiomática, fazendo referência a algo que, sendo grandioso, causa prejuízo por conta do custo de manutenção, por exemplo. A origem dessa expressão conecta-se ao antigo Reino de Sião (atual Tailândia), onde os elefantes brancos eram considerados sagrados e não podiam ser utilizados para o trabalho. Quando um rei queria punir um súdito, presenteava-o com um elefante branco. Sendo um animal tão custoso para ser mantido, enquanto um presente do rei, não se poderia vendê-lo ou doá-lo.

predominantemente para fazer negócios e trocas comerciais, hoje são muitas as formas de interações, o que naturalmente vem provocando mudanças. Conforme destacam Holanda *et. al.* (2022, p.11):

A partir do processo de sedentarização, ocorridos com alguns povos ciganos, eles começaram a perceber que não poderiam mais executar as atividades remunerativas que já conheciam para conseguir o sustento da comunidade. Dessa forma, perceberam que deveriam tentar executar outras formas de trabalho que não estavam acostumados a fazer, mas seu conhecimento e habilidades prévias já não conseguem mais corresponder às expectativas do seu novo modo de vida.

Sobre as mudanças que constatamos, apontamos algumas, tais como: (a) o negócio informal não mais prospera como antigamente; (b) hoje há bastante envolvimento afetivo e matrimonial entre pessoas de origem cigana e não cigana; (c) muitos são aqueles ciganos/ciganas que estão focados mais em sua projeção pessoal na sociedade não cigana do que na reprodução da tradição cigana; e (d) a hierarquia – que tinha nos mais velhos a autoridade maior, e nos chefes a representação da autoridade dos homens mais velhos – conduzia profundamente os destinos dos jovens ciganos, o que mudou bastante quando esses jovens passaram a depender mais de si para resolver suas vidas, e cada vez menos da atuação dos representantes ciganos da comunidade.

Esses fatores incidem sobre os processos educacionais que haviam entre os Calon, como, por exemplo, a arte de negociação. Negociar ou fazer negócios faz parte da vida do homem cigano. A criança cigana foi sempre ensinada a reproduzir o papel que lhe cabia enquanto homem provedor. Do mesmo modo, a criança do sexo feminino era ensinada a reproduzir o papel que cabia à mulher, na reprodução da vida doméstica. Ainda na sua fase infantil, o pai levava o menino para acompanhar as negociações feitas, não só por ele, mas também por seus irmãos (tios da criança) e outros adultos. Isso permitia que, pouco a pouco, a criança fosse absorvendo (aprendendo) os modos de proceder de um comércio geralmente informal, baseado na palavra dada, praticados entre ciganos e não ciganos, o que permitia a um cigano capitalizar-se para sustentar sua família.

Mas os tempos mudaram. As trocas tradicionais que os ciganos realizavam e as vendas de animais entraram em declínio, especialmente a partir do processo de expansão da industrialização do Brasil, intensificando-se nos anos 1980. Ao menos, sempre que nos propomos a ouvir os relatos sobre os processos de mudança, é nesse período que os ciganos se fixam para descrever as diferenças na forma de vida dos mais antigos, é o que chamam de “tempo de atrás” (Goldfarb, 2013). Hoje, quase só a população mais pobre ainda utiliza equinos comercializados pelos ciganos, sendo utilizados para carregar água, lenha ou produtos agrícolas, o que já nos remete aos contextos nos quais se vive, sem ter

acesso ao saneamento básico, ao abastecimento da água tratada, como também pela utilização da lenha enquanto combustível para o cozimento dos alimentos.

Outro fator bastante relevante, e que influencia diretamente na mudança do contexto social dos ciganos dessa comunidade, é o envolvimento afetivo e matrimonial entre pessoas de origem cigana e não cigana. Outrora, apenas aos homens se permitia, ainda assim com muitos empecilhos, contrair matrimônio com mulheres não ciganas; todavia, jamais essa permissão era dada às mulheres. As não ciganas que se casavam com ciganos ainda tinham que enfrentar um longo processo de adequação às regras da sociedade cigana, e mesmo assim havia sobre elas bastante preconceito, especialmente por parte das mulheres ciganas, devido às mesmas não terem o sangue cigano. O que sinalizava que moralmente não teriam os elementos necessários para não só conviver com as demais mulheres ciganas, como também, ao ser mãe, não teria automaticamente os elementos necessários para criar uma criança no modelo nativo, considerado adequado.

É certo que os casamentos interétnicos se dão, até hoje, com mais frequência entre os homens ciganos, e geralmente as mulheres não ciganas são acolhidas na comunidade. Embora algumas *calins* (mulheres ciganas) se casem com *jurons* (homens não ciganos), esse número é menor. Para os ciganos, tais mudanças são notórias, mas isso não significa que sejam avaliados enquanto indicadores de perdas da condição cigana, pois as tradições estão sendo reelaboradas no contexto da vida atual, quando os processos de transmissão do dialeto, por exemplo, permanecem tendo, como principal via, a transmissão oral, sendo ensinado, pelos mais velhos, para as novas gerações.

Por último, podemos apresentar mudanças no campo da hierarquia interna. No passado, os mais velhos tinham mais autoridade, uma voz dominante sobre as regras de funcionamento do grupo, que era desenvolvida por duas vias: a) pela composição de um conselho orientador dos rumos do grupo; b) pela prerrogativa de escolher o chefe do grupo. Chefes representavam saber, conhecimento para lidar com os problemas internos à comunidade, e de relacionamentos com o mundo externo. Nesse contexto, é possível descrever o grupo cigano como se constituindo basicamente enquanto uma família extensa, onde todos os membros deviam obediência aos mais velhos e contavam com os mesmos para a resolução de qualquer problema. Esse sistema conformava profundamente os destinos dos jovens ciganos, e é nessa dimensão que podemos indicar que ocorreu uma mudança significativa, pois agora esses jovens passaram a depender mais de si para resolver suas vidas, e cada vez menos da atuação dos representantes da comunidade.

Antigamente os chefes resolviam boa parte dos problemas da comunidade, já que eram as maiores autoridades, representavam o poder da tradição. Eram os responsáveis pelas providências necessárias para as melhorias coletivas. Hoje, ainda há chefes e líderes, mas as dificuldades atuais são outras, o que fez com que os ciganos tivessem que

abrir outros caminhos, com respostas mais individualistas para a resolução dos problemas familiares. Com a fixação na cidade, as mudanças decorrentes forçaram os ciganos a buscarem, eles mesmos, soluções de cunho mais individualistas para seus problemas e para conseguir suas conquistas, independente de um projeto de fortalecimento grupal (Siqueira, 2013). Desse modo, o individualismo começou, pouco a pouco, a caracterizar o comportamento do cigano dentro de seu grupo, em detrimento da solidariedade que prevaleceu por séculos entre os indivíduos membros do grupo. Com isso, mais e mais começaram a priorizar os interesses de suas famílias nucleares, em contraposição ao que se experimentava enquanto membro de uma coletividade que operava enquanto uma unidade grupal. Todavia, a solidariedade tradicional, apesar de já bastante modificada, ainda ocorre entre os ciganos, mas sob nova roupagem.

4 A escola como meio de obtenção de saberes necessários a formação e o mercado de trabalho

Dentre as mudanças, destacamos o fato de muitos jovens ciganos frequentarem escolas na cidade de Sousa, tendo alguns terminado até o nível superior, fato que não se observava no passado. Grande parte das novas gerações está completamente alfabetizada, tendo estudado por, no mínimo, o ensino fundamental completo. Muitas mulheres ciganas, principalmente as mais jovens, hoje conseguem frequentar escolas e concluir estudos, o que também não ocorria entre as gerações mais antigas, pois as mulheres se dedicavam apenas ao casamento e aos filhos.

É uma tendência entre os jovens ciganos a valorização da escola e a busca pelo acesso à educação formal, tendo como foco, prioritariamente, a projeção pessoal, com ênfase na atuação profissional. Não estamos afirmando que o coletivo deixe de ter significação entre os ciganos, o que se verifica, por exemplo, na importância que a família e os parentes têm. Porém, com a sedentarização, ocorreu a busca por uma melhor qualidade de vida, de acesso a bens valorizados pela sociedade e de aceitação social. Estas acabaram despertando nos ciganos atitudes de caráter mais individualista, quando defrontados pelas necessidades de competição social e simbólica na cidade. Como nos mostra Elias (1994, p. 21): “A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis”.

Os ciganos sabem que a posse de um capital escolar é de extrema importância, e que sem ele a concorrência, já desigual, torna-se impossível na cidade de Sousa. Como aponta Bourdieu (1989), o capital escolar, como outros capitais, diz respeito a um recurso cuja posse faz com que o sujeito possua vantagens, em detrimento dos que não o têm.

Neste caso, para aqueles desprovidos de capital econômico e de outras formas de distinção, a escola aparece para os ciganos como instituição propulsora de um certo nivelamento social. Mesmo que na prática haja reproduções de preconceitos étnicos e sociais na escola, a posse deste capital escolar pelos ciganos aparece, pós-sedentarização, como um caminho sem volta na busca pelo direito à cidade.

Quando nômades, os ciganos estudavam principalmente o conteúdo básico das escolas, mesmo assim era comum que aprendessem nos *ranchos*, com os mais velhos, já que viviam em constante deslocamento entre cidades e até entre estados. Com a moradia fixa na cidade, passaram a lutar pelo direito de frequentar escolas, o que não foi fácil. É importante frisar que, apesar da Constituição Federal Brasileira de 1988 garantir o direito à educação e o acesso à escola a todas as crianças ciganas brasileiras, e de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Nº 9.394, de 1996, em seu Artigo 3, prever um ensino baseado na igualdade de condições, de acesso e permanência na escola, a matrícula de crianças ciganas em escolas públicas é um desafio, pois diversos obstáculos são enfrentados por elas no percurso escolar. Podemos destacar que a discriminação nas escolas e na própria sociedade tende a funcionar como um fator que conduz ao abandono do ambiente escolar, como também às dificuldades financeiras. Podemos afirmar, portanto, que, em Sousa, esta inclusão social não ocorreu sem lutas.

Como aponta Moonen (2011), foi necessário que algumas lideranças solicitassem o auxílio do Ministério Público e do Governo do Estado (da Paraíba) para que escolas da cidade aceitassem matricular crianças e adolescentes ciganos nos anos 1990. Só depois dessas denúncias é que se conseguiu o acesso a uma escola pública da cidade, localizada perto dos ranchos. Em 1994, o antropólogo Frans Moonen, com o apoio do Procurador da República da Paraíba, Luciano Mariz Maia, e o líder cigano Ronaldo Carlos – representando o Chefe Cigano Vicente Vidal de Negreiros –, levaram ao conhecimento da Secretaria Estadual de Educação da Paraíba o fato da negação ou da má vontade das/dos diretoras(es) das escolas públicas em viabilizar as matrículas dos estudantes da etnia ciganos. Dessa reunião retornaram com uma ordem da Secretaria para a realização das matrículas de todos os ciganos. A partir daí, até os dias de hoje, os ciganos não mais foram impedidos de matricular-se nas escolas estaduais de Sousa (Moonen 2011, p. 30-32).

Inclusive, tivemos, em 2023, a oferta, por parte da Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB)⁶, de oficinas de redação voltadas à preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com o foco nos alunos do ensino médio da comunidade cigana de Sousa, cujas atividades foram programadas para ocorrer na Escola Celso Mariz, que aten-

⁶ <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-cultura/noticias/comunidades-ciganas-terao-oficina-de-redacao-preparatoria-para-o-enem#:~:text=A%20a%C3%A7%C3%A3o%2C%20promovida%20pelo%20Governo,das%20maiores%20da%20Am%C3%A9rica%20Latina>.

de às comunidades ciganas da cidade de Sousa. A explicação apresentada é de ser papel da Secult reforçar o protagonismo das comunidades tradicionais presentes na Paraíba.

Figura 4 – Escola Estadual Celso Mariz, localizada nas imediações da comunidade.



Fonte: Goldfarb, 2023.

A partir da pesquisa realizada, podemos dizer que, de modo paulatino, os pais passaram a entender que o estudo seria a melhor saída para o futuro das famílias, e até da comunidade, tanto para auxiliar na quebra dos preconceitos, como para garantir um futuro econômico melhor para seus filhos. Se compararmos aqueles que optam por não estudar, mas sim procurar trabalho numa cidade profundamente preconceituosa com o povo cigano – como é a sociedade de Sousa –, com os que buscam uma realização profissional através dos estudos, podemos perceber que os últimos formam a nova tendência, que se torna muito mais evidente nos dias atuais.

É notório que quase todos entram no ensino básico e muitos passam para o fundamental, embora ainda exista muita evasão escolar no ensino médio. Mas o número de ciganos que cursam o terceiro grau vem aumentando, desde que iniciaram a moradia fixa. É importante destacar que até hoje apenas uma calin é possuidora do grau de mestre na comunidade cigana em Sousa. Outra grande conquista que os estudos formais proporcionaram (e proporcionam) aos ciganos escolarizados é o fortalecimento no campo da cidadania, já que, pelos estudos, obtêm informações variadas e passam a compreender mais seus direitos, uma vez que os deveres sempre foram lembrados pela sociedade envolven-

te. Mais que isso, já que, para as autoridades, tinham que ser impecáveis na sociedade, onde o erro de um poderia recair sobre todos, submetendo toda a comunidade a punições severas, quer fosse dos poderes públicos, quer fosse da polícia.

Como antes mencionado, na pesquisa, focamos nos jovens do sexo masculino porque, pela tradição, são eles os responsáveis pela provisão da sua família, ficando a mulher responsável pela organização doméstica. Mas as mulheres também contribuem bastante com o sustento da família, através da leitura da sorte (quiromancia) ou de algum trabalho manual (como a confecção de roupas e bijuterias), o que muitas vezes é a única fonte de renda em épocas em que o homem não consegue obter resultados econômicos satisfatórios, ou, como muitos dizem: “fazer bons negócios”. Sendo uma sociedade baseada na autoridade masculina, ainda hoje, apesar de todas as mudanças culturais que vêm acontecendo na comunidade, espera-se que o homem seja o provedor do lar.

Dentre os entrevistados, dois concluíram e dois estão cursando o ensino médio. Um parou de estudar no oitavo ano e, durante a entrevista, indicou planos de retornar os estudos. Um outro parou no ensino médio porque teve que optar entre trabalhar ou continuar estudando. Os demais não chegaram a frequentar a escola, mas aprenderam a ler e escrever no próprio grupo.

Sobre capacitações, quatro não têm nenhum curso de capacitação. Três têm curso completo de Informática e três possuem o curso básico de Informática. O sujeito que parou de estudar no oitavo ano, o fez em razão do matrimônio constituído quando ainda era muito jovem, o que implicou na necessidade de se encarregar do sustento da sua jovem família. É o único que tem mais de um curso técnico, e indicou uma forte adesão ao universo escolar, pois realizou três cursos, sendo um curso de reciclagem, outro de sapateiro e, o último, de corte e costura. Conseguiu trabalhar um mês na área de corte e costura, mas foi demitido, segundo ele, quando descobriram que era cigano.

A respeito de trabalho, o único que nunca procurou emprego é quem está concluindo o primeiro ano do ensino médio e encontra-se adequado na relação idade/série escolar. Com o apoio dos seus pais, busca focar nos estudos e, por isso, não divide seu tempo com outros afazeres, a não ser atividades para fins de capacitação e formação. Focar nos estudos, ao invés de logo cedo investir tempo considerável em aprender a arte de negociar, significa abrir mão de tornar-se exímio numa prática que, culturalmente, é um dos pilares centrais da cultura, no que se refere ao papel do homem na sociedade cigana.

Entre os demais, todos já procuraram trabalho no setor privado, e alegam o preconceito como principal causa de não conseguirem a inserção no mundo dos empregos. Afora um, todos já trabalharam em serviços provisórios, popularmente conhecidos por bicos, e só um conseguiu, por um mês, trabalhar em empresa privada. Apenas um entrevistado afirmou nunca ter vivenciado preconceito na busca por trabalho no setor privado, e um, aquele

que nunca procurou trabalho por focar nos estudos e, por sinal, ainda é alguém que não atingiu a idade da maioridade. Os demais afirmam já ter vivenciado situação de preconceitos consigo ou com algum amigo da comunidade.

Afora aquele que só estuda, todos já fizeram trabalhos informais, chamados de “bico”, situação comum diante da dificuldade de arranjar vínculo empregatício. Apenas um, como já sabemos, atuou por um mês no setor privado, e dois já trabalharam no setor público, ambos de vigilantes para a Prefeitura Municipal de Sousa. Desses, apenas um conseguiu chegar a dois anos empregado nessa função.

A respeito dos preconceitos sentidos na busca por emprego, a maioria afirma ter ouvido o clássico “passe outra hora”. Também destacou-se bastante o uso de frases preconceituosas que afirmavam não dar emprego porque “ciganos não atendem aos requisitos do emprego” – e, em alguns casos, até mesmo requisitos estéticos –, ou, às vezes, porque a empresa naquele momento não está em fase de absorção de empregados.

CRB relatou uma experiência de discriminação numa empresa que fabrica peças em inox. Deixou o currículo e a atendente disse não poder aceitá-lo porque ele era cigano. CRB teria perguntado “-Por quê? Nós somos diferentes de você?”, ao que a atendente explicou: “- O dono não aceita”. CRB, então, teria pego o currículo de volta e ido embora.

JDVS, relatando um dos momentos em que entende ter sofrido preconceito, diz ter entregado o currículo para uma pessoa que se recusara olhar em seus olhos. Dias depois ficou sabendo, por telefone, que, por ser cigano, não poderia concorrer à vaga de emprego.

MB, como exemplo das várias situações que alega já ter sofrido preconceitos, disse ter sido apresentado a dois ou três empresários da cidade. Devido à sua atuação política em nome da comunidade, pediu que eles o ajudassem, conseguindo-lhe um emprego, que fora negado na hora, sob a “educada” alegação de que, se empregassem um cigano, os outros empregados da empresa iriam se revoltar, uma vez que “ninguém aceitava trabalhar com um cigano”. Em complemento, CRB disse: “Eu acho que o empresário fez isso porque ele não quis abrir a porta, porque o empresário manda na empresa dele e bota quem ele quiser para trabalhar!”

PCB relatou já ter trabalhado por um mês numa fábrica de bolsas. Teria sido demitido porque a empresária descobriu que ele era cigano. O interessante é percebermos que, segundo os jovens entrevistados, a maior dificuldade do cigano conseguir trabalho não se resume apenas aos preconceitos. Embora afirmem já vivenciarem recusas pelo simples fato de serem ciganos, avaliam, também, a ausência de qualificação profissional como um outro elemento de grande peso nesta área, o que dificulta a oferta de empregos nos setores privados da cidade, pois a falta de qualificação educacional e técnica foi tão ressaltadas quanto a discriminação ou preconceitos étnicos na cidade.

Ainda foram destacadas a ausência de políticas ou ações do governo federal, estadual e municipal para incentivar a produção de renda e de vagas no mercado de trabalho para ciganos; e a “pouca coragem de insistir”, como afirmou um dos entrevistados. Para os jovens Calon de Sousa, a necessidade de educação escolar, universitária e de cursos de qualificação são fundamentais para concorrerem com mais competência junto ao mercado de trabalho, talvez até mesmo por entenderem que a escolarização é um meio de minimização de velhos estigmas e uma forma de inclusão social ainda viável.

5 Considerações finais

Ao longo da história, o povo cigano vivencia diversas formas de preconceitos e, conseqüentemente, práticas de discriminação que incidem diretamente sobre suas vidas cotidianas, gerando problemas emocionais e sociais profundos. No caso da comunidade cigana em Sousa-PB, tanto pelas inúmeras histórias contadas pelos mais velhos, como pelas experiências cotidianas que, afora as criancinhas de braço, todas as gerações de ciganos percebem e sentem na pele, os atos de discriminação étnica têm persistido em todas as situações do dia a dia. Desse modo, com a fixação dos ciganos na cidade de Sousa-PB, ocorreu um aumento das formas de sociabilidade com os não ciganos, o que, por um lado mudou as interações entre ciganos e não ciganos, especialmente as novas gerações, resultando em modificações nos modos de conexão entre os mais idosos e os mais jovens da comunidade. Por outro lado, essa interação, sobretudo por meio da escola, vem permitindo, gradativamente, uma diminuição do preconceito por parte da sociedade não cigana, já que o convívio mais aproximado e as várias formas de relação em muito vêm servindo para diminuir e, em alguns casos, até eliminar, em parte da sociedade, as ideias equivocadas que se tinham sobre todos os ciganos. Ideias que os colocavam na condição de ladrões, enganadores, não confiáveis e tantas outras imagens negativas que as mentes mais ignorantes ou preconceituosas vieram alimentando ao longo dos tempos.

Quanto ao mercado de trabalho na cidade de Sousa, vimos que os ciganos entrevistados, de forma quase unânime, reconhecem haver preconceitos, o que desmotiva a buscar trabalho no setor privado da cidade, uma vez que se repetem os muitos casos de experiências frustrantes na busca de emprego no local, além dos relatos de preconceitos que são difundidos em todas as rodas de conversas, o que vai construindo uma ideia de que não adianta tentar, já que, mesmo que haja a vaga, na hora em que ficar claro que o candidato é cigano, este será, de alguma forma, eliminado. Mesmo assim, há muitas expectativas positivas em torno da educação escolar, pois se aposta no estudo enquanto uma forma de aproximação de capitais escolares e sociais necessários à concorrência no mercado de trabalho. A educação formal surge para as novas gerações como um modo de

quebrar obstáculos, já que se entende que um bom profissional, que cumpra com qualidade aquilo que a empresa deseja, pode ser valorizado acima de sua condição étnica.

Por outro lado, o estudo também é uma forma de o cigano ultrapassar essas barreiras, tanto porque os estudos ampliam suas possibilidades de atuar como profissional, seja no setor privado ou no setor público. Além disso, também podemos observar que, entre os jovens ciganos residentes em Sousa, o estudo representa uma forma de capacitação necessária à defesa de seus direitos étnicos num país que historicamente não valorizou a sua diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE JUNIOR, Lourival. Os Ciganos e os Processos de Exclusão. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2013, vol.33, n.66, pp.95-112. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882013000200006&script=sci_abstract&tlng=PT. Acesso em: 22 de abril de 2024.
- BANDEIRA L; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas** [Internet]. Jan;10(1):119–41, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>. Acesso em 12 de maio de 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Deifel, 1989.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. Lei Nº 9394 de 23 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.1996.
- Carta Aberta dos Povos Ciganos do Nordeste em Sousa-Pb. **I Encontro dos Povos Ciganos do Nordeste**. Sousa-PP: 13 e 14 de agosto de 2015.
- ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).
- HANCOCK, I. 1938 and the Porrajmos: A Pivotal Year in Romani History. Centre for World Dialogue. **Global Dialogue**, v. 15, n. 1, p. 106–117, 2013.
- HANCOCK, Ian. The roots of anti-gypsyism. GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Ciganos: Olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFBB, 2019.
- HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HOLANDA, R. Anne (et.al.). O acesso à educação formal pelas crianças ciganas: a contribuição da psicologia. **Revista Latino-Americana de estudos científicos**, v. 03, n.17 set./out. 2022.
- MAGANO, Olga. Pluralidade e reconfiguração da identidade cigana em Portugal. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. Vol. XXIII, 2012. p. 251-259.
- MARQUES, João F. O estilhaçar do espelho. Da raça enquanto princípio de explicação do social a uma compreensão sociológica do racismo, **Ethnologia**, 3-4: 39.58, 1995.
- MARUSHIAKOVA, Elena; POPOV, Vasilin. Roma identities in Eastern Europe: ethnicity VS. nationality. GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Ciganos: Olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFBB, 2019.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil**. Recife. 2013. Disponível em: www.amsk.org.br/imagem%5Cpdf%5CFMO_2013_AnticiganismoEuropaBrasil.pdf. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calono Sertão da Paraíba 1993-2011**. 2011. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmcciganossousa2011.pdf. Acesso em 15 de fevereiro de 2024.

Relatório Executivo Brasil Cigano. **I Semana Nacional dos Povos Ciganos**. Brasília: outubro de 2013. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/relatorio-executivo-brasil-cigano-1>. Acesso em 01 de abril de 2024.

SHIMURA, Mario Igor; Araújo. M. C. Ser cigano: contatos interculturais e reelaboração identitária. GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Ciganos: Olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFBB, 2019.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os Calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais**. Publicação Étnico Racial – Série Comemorativa de 10 anos da lei 10.639 – Recife: Editora UFPE, 2013.

TOYANSK, Marcos. Identidades ciganas: origens, grupos e contextos. GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Ciganos: Olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFBB, 2019.

Recebido em maio/2024 | Aprovado em novembro/2024

MINIBIOGRAFIA

Mércia Rejane Rangel Batista

Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui também mestrado e doutorado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: mercia.rejane@professor.ufcg.edu.br

João Dias Pereira

Cigano Calon, Sociólogo, Universidade Paulista - UniP Interativa, Sousa-PB, Brasil.
E-mail: ciganosousajp@gmail.com